



APOIO



É POR VOCÊ QUE A GENTE FAZ MELHOR. E PONTO.

CANTINA D'AMICO PIOLIN



Projeto de Iluminação
Cênica Moderna Sistema de
apoio ao ensino pré-reitoria
de graduação e pós-
graduação

VISITEM O NOSSO SITE www.eca.usp.br/ead OU MANDE-NOS UM EMAIL ead@eca.usp.br

EAAD - ECA - USA
Apresenta

Women de Papel

Alcânio Maccos
Dúscio
MACOV HUIEL

GAZETA da BAIXADA

Santos, São Vicente, Praia Grande, Guarujá, Itanhaém, Peruibe Mongaguá e Cidade Ocean , 22 de novembro de 2001

TEMPO
HOJE

CAPITAL

LITORAL

INTERIOR

ENCONTRADO INDIGENTE MORTO

Guardas pedem
melhores condições
de trabalho

Omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio

Omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio

Omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio

Operário se afoga
em estação de água

Omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio

Omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio

Omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio

Omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
Omio i omio omio



A polícia encontrou no galpão da escola de samba G.R.E.S. um corpo em adiantado estado de putrefação. O morto apresentava diversos ferimentos, prováveis causadores da morte violenta. Não encontraram suspeitos.

Omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio

omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio

omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio

omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio

Policiais
acusados de
esconder corpo

Omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio

Omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio

Omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio

Omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio
omio omio omio omio omio

Vi ontem um bicho
Na imundice do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão.
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

Manuel Bandeira, O Bicho

Media judicial
reduz público

Os gritos de Plínio Marcos

Em Plínio Marcos tudo é verdade. Não há lugar para o artifício em sua dramaturgia. Animal, instintiva, biológica, a sobrevivência é o imperativo da vida. A revolta contida explode. A miséria leva à loucura. Sua completa descrença na sociedade descobre as feridas. Cada peça de Plínio é um grito de socorro. Também é uma condenação, um veredicto cruel. Seus personagens existem, por isso bradam.

O autor ganhava a vida vendendo seus livros nas portas dos teatros, nos bares ou na praça da República e lendo Tarô. No hospital, quando um problema de circulação paralizou suas pernas, foi atendido como indigente. Viveu por 20 anos numa quitinete de 30 metros quadrados no Copan e almoçava diariamente na praça Roosevelt. Evidente que teatro e a vida se confundem em sua dramaturgia.

O dramaturgo começou sua carreira como palhaço num circo de Santos. Gago, canhoto e sem ter completado o primário, foi estivador, jogador de futebol da portuguesa Santista, encadernador, técnico da TV Tupi, entre tantos outros biscates. "Tudo o que acontece no Universo, acontece comigo", acreditava ele. Com isso se irmanava a seus personagens.

Plínio Marcos de Barros iniciou seu contato com o Teatro levado por Patrícia Galvão, a Pagú, para substituir um ator doente em *Pluft*, o fantasma de Maria Clara Machado na montagem da Companhia Amadora da Musa Modernista.

Escreveu sua primeira peça, *Barrela*, aos 22 anos, montada em 1957 num festival de Teatro em sua cidade natal. O primeiro sucesso viria em 1966 com *Dois Perdidos numa Noite Suja*. Por conta do texto ouviu de Cacilda Becker: "Meu Deus, você é um caso espantoso, conhece dez palavras e vinte palavrões e escreveu uma peça ótima". Em seguida, vieram *Navalha na Carne* e *Abajur Lilás*. Ficou em evidência até o início da década de 70,

quando a censura do regime militar o prendeu inúmeras vezes e levou-o ao ostracismo por 20 anos.

Se na década de 90 o Teatro Brasileiro retomou Nelson Rodrigues, agora parece ser a vez de Plínio Marcos. No entanto, a contundência com que vocifera contra as mazelas sociais o condena à marginalidade. Não há entretenimento gratuito em sua obra. Aos atores recomenda: "O ator começa a ficar soberano do seu talento quando ganha consciência de que entra no palco para servir e não para ser servido".

Em uma entrevista para a revista *Caros Amigos* de 1997, Plínio disse: "... a barra já tava começando a ferver pra 64. E aí todo mundo, os artistas mais importantes, vieram para a Escola de Arte Dramática, eu também queria entrar, mas não pude entrar porque era analfabeto. Então fiquei camelô. Vendia álbum de figurinhas e canetinha de mulher nua".

Justiça seja feita agora - no palco, ao menos.

O palco é a rua, o presídio, o mocó, o barracão... Para citar mais uma vez Manuel Bandeira:

*- Que importa a paisagem (...), a linha do horizonte?
O que eu vejo é o beco.*

Assim, nos cantos que escolhe para ambientar suas peças, Plínio faz caber o Brasil.

Sobre suas peças, ele afirmou que "não estão superadas, não por méritos do autor, mas por culpa do País que não evoluiu". Por isso, Plínio Marcos continua a gritar.

Ricardo Peruchi

Depois de 2 meses de laboratório nos becos da cidade, a EAD estréia, dia 22, "Homens de Papel"

A peça mostra a rotina do grupo de catadores que, revoltados com a exploração do intermediário comprador de papel Berrão, Querem paralizar a coleta. Em meio a este cenário chega à comunidade um jovem casal com uma filha doente. Os novatos, ainda alheios à realidade do grupo, querem trabalhar duro para juntar dinheiro e levar a filha a um médico. A partir deste conflito a trama da peça encontra acontecimentos trágicos e reais, típicos da dramaturgia de Plínio Marcos.

Os alunos do 3o ano da Escola de Arte Dramática (EAD) passaram os últimos dois meses convivendo com catadores de papel em becos da cidade, como a ponte do Glicério, a praça da República e o largo da Batata. O objetivo era o de encontrar os catadores de papel da peça Homens de Papel, de Plínio Marcos. O texto, do dramaturgo morto no ano passado, expõe um universo no qual esbarramos todos os dias mas não percebemos que existe.

A montagem também ganhou um cenário novo: o galpão

abandonado de uma escola de samba, com pedaços de carros alegóricos e fantasias de carnavais passados. "Este beco é um lugar de fantasias não realizadas que estão sendo corroídas pelo tempo. Além disso, é uma referência à ligação de Plínio Marcos com o carnaval paulistano", diz o diretor do espetáculo, Iacov Hillel. O diretor foi responsável, em 1996, pela montagem de "A Cozinha", que foi o maior sucesso de público da escola.

PROFESSORES DA EAD

ANA MARIA SPYER
ANDRÉA KAISER
ANTÔNIO L. JANUZELLI
BETE DORGAM
CARLOS A. BELTRAN
CELSO FRATESCHI
CLÁUDIO LUCCHESI

CRISTIANE PAOLI QUITO
IACOV HILLEL
ISABEL SETTI
JOSÉ JOÃO CURY
LUIZ DAMASCENO
MÔNICA MONTENEGRO
NANCI FERNANDES

RACHEL ARAÚJO
SANDRA R. SPROESSER
SILVANA GARCIA
SILVIA BITTENCOURT
ROMAN LOPES

Impressões do laboratório nas ruas.

No laboratório, os atores encontraram pessoas idênticas aos personagens de Plínio Marcos. Berrão, Maria-vai, Tião e Frido. Estes são arquétipos e estarão sempre nas ruas de São Paulo, pois a cidade os fabrica incessantemente.

No principal local de estudo, que foi a região do largo da Batata, vivem o casal Critiane,

28, e Pastor, 29. Ela era prostituta e fazia ponto perto de uma igreja evangélica. Ele era pastor da igreja. Um dia se conheceram, ele a tirou da vida, e ela o tirou da igreja. Foram viver nas ruas. Cristiane se pinta, se enfeita e adora se sentir desejada. Os dois são exatamente o casal Tião e Maria-vai, que estão em *Homens de Papel*. Da mesma o elenco encontrou os

outros personagens do texto.

O ambiente em que vivem os catadores torna-os mais brutos. O cair da noite na cidade dá medo físico quando se está nesta situação e neste lugar. Os atores sentiram isso na pele. Há entre os moradores de rua uma carência não tão grande de comida ou roupas quanto de humanidade.

ELENCO :

Ana Fuser Gá
Anadóra Balan Noca
Ando Camargo Tião
André Fusko Giló
Antonio Vanfill Bichado
Cristiane Lima Poquinha
Denise Cecchi Nhanha
Giulio Lopes Berrão
José Roberto Jardim . Frido
Linaldo Telles Coco
Samir Calixto Chicão
Thais Pimpão Maria - Vai
Taty Kanter Assist. de Direção e operação de luz